

## ELEMENTOS DO PURITANISMO INGLÊS EM PARAÍSO PERDIDO

ADRIANA ALVES DE ABREU  
UFMG  
adrianinhasjp@hotmail.com

JULIANA SILVA DOS SANTOS  
UFMG  
julianasjp16@gmail.com

### RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar um dos poemas épicos inglês de maior importância, *Paraíso Perdido* (1667), de John Milton. Esta obra se insere no conturbado contexto histórico inglês do século XVII, dominado por disputas políticas e religiosas entre grupos rivais protestantes e católicos, no qual o autor participou ativamente enquanto alto funcionário público. Seu poema mais conhecido é uma releitura de trechos bíblicos, os quais são utilizados para ilustrar os confrontos políticos e religiosos de sua época, notadamente do grupo puritano, do qual Milton fazia parte. Diante do exposto, este trabalho analisará conteúdo e forma de *Paraíso Perdido*, destacando inclusive, os aspectos épicos de sua composição, uma vez que este gênero literário trata de documentar relevantes fatos históricos de uma nação.

**Palavras-chaves:** Literatura, sociedade, poesia épica.

### INTRODUÇÃO

Um passo decisivo no processo de fortalecer a monarquia foi dado no reinado de Henrique VIII (1509-1547), quando ele se colocou na chefia da igreja inglesa, criando o anglicanismo. Segundo Campos e Miranda (2005, p.228), “Isso pôs por terra um importante obstáculo a autoridade monárquica, o poder do papado”. Para retirar a autoridade papal o rei Henrique VIII, usou o Parlamento, que era apoiado por grandes nobres e comerciantes, com a ideia de que o papa era uma potência estrangeira que interferia nos assuntos da Inglaterra e principalmente questões religiosas. Ainda de acordo com Campos e Miranda (op.cit, p.229), a religião tornava-se importante instrumento de participação do Estado e Parlamento com ligações ao poder monárquico e interesses políticos. Mas o anglicanismo guardava muito da ritualística católica e tinha seus pregadores escolhidos pelo Estado, não satisfazendo o interesse da sociedade inglesa. Depois do reinado de Henrique VIII, a Inglaterra vivia um período de incertezas, cercado de protestantes extremados que defendiam perseguições religiosas aos católicos.

As questões políticas e religiosas se intensificaram no século XVII, na dinastia dos Stuart, nos reinados de James I e Carlos I, quando o Parlamento era composto por um grande número de protestantes que queriam intervir nas questões políticas e religiosas da sociedade inglesa. Apesar de a dinastia Stuart terem durante o seu reinado ter sido o pior governo possível, foi quando a Inglaterra pela primeira vez teve um governo republicano. John Milton foi um poeta Inglês e protestante do grupo puritano do qual fez parte e foi nesse período que ele escreveu um dos grandes épicos da sociedade inglesa, *Paraíso Perdido* (1664), o escritor ilustrou na sua obra os conflitos religiosos e políticos da época, especificamente a guerra civil e questões religiosas dos protestantes e católicos. Para a composição de seu poema, além de que utilizou conceitos aristotélicos, ele se influenciou em outros grandes épicos da literatura universal.

Contudo, é importante considerar também o fato de que quando nos tivermos nos referindo a Bíblia, estaremos nos referindo à primeira versão oficial em língua inglesa (1616), feita no governo de James I, que passava a ser um grande símbolo para a sociedade inglesa por retratar documentos históricos e influenciar em um grande poema épico.

## **O CONTEXTO HISTÓRICO DO SÉCULO XVII**

### **2.1 O Parlamento Inglês**

A criação da Magna Carta resultou depois do reinado de João Sem Terra (1199-1216), um documento oficial que limitava o poder do monarca em relação a impostos, criou bases para o modelo do Estado Inglês. Este documento dizia que nenhum tributo exorbitante seria imposto sem o consentimento do reino, o Parlamento. Uma instituição representativa vigente da época era responsável por esse controle na sociedade Inglesa, o Parlamento que era composto por cavaleiros e burgueses eleitos por nobres que dispunham de grandes terras.

Elizabeth I, foi rainha durante o século XVI, como não teve filhos, pela linha de sucessão, quem herdou a coroa foi o seu primo rei James VI da Escócia, que já era rei desde os 12 anos, tornando-se James I na Inglaterra, iniciava-se a Dinastia dos Stuart. Durante o reinado de Elizabeth, ela deixou rombos nos cofres reais, fazendo com que o rei James pedisse ao Parlamento autorização para elevar impostos. O Parlamento concordaria, mas já antecipava o desejo de intervir nas decisões políticas internas e externas da Inglaterra. O rei mantinha a crença que era “escolhido por Deus” e não precisava de ninguém pra intervir nos negócios da coroa, começando assim a se desentender com o

Parlamento. Silva (2005, p.138) afirma que: “Infelizmente para James o poder efetivo da sociedade Inglesa estava cada vez mais nas mãos dos comerciantes e donos de terras que constituíam o Parlamento”. E de fato viria a ser cada vez mais, percebe-se quando outra crise se instaura no reinado de James I, quando um grupo de protestantes pertencente ao Parlamento exigia leis mais duras aos católicos. O rei cedeu a pressão, mas não conseguiu satisfazer ao grupo. No que resultou na fúria dos católicos, uma conspiração contra o rei e ao Parlamento, no qual foi conhecido como a conspiração da pólvora.

De acordo com Silva (op.cit, p.139) os puritanos era um grupo religioso do Parlamento que se opunha ao Rei James I, eles recebiam esse nome por suas investidas em tentar purificar a Igreja Anglicana, dos embelichimentos e esculturas presentes na igreja. E o rei James durante o seu reinado tentou converter os puritanos ao anglicanismo, numa perseguição fervorosa.

Tensões econômicas e sociais contribuiu para rebeliões no século XVII, contra a dinastia Stuart, os monarcas Jaimes I (1603-1625) e o seu sucessor Carlos I (1625-1649). A oposição à política centralizadora, junto com a recusa do anglicanismo do estado, resultou em conflitos políticos-religiosos ao absolutismo real. Os dois reis acreditavam no absolutismo, desprezando cada vez mais o Parlamento, através da igreja Anglicana, a coroa doutrinava o direito divino dos reis. De acordo com Silva (2005, p.140) quando James I morreu, sucedendo a coroa para seu filho Carlos I, foi quando a relação entre o rei e Parlamento resultou em maiores conflitos. Em 1640, o rei se viu na necessidade de obter novos impostos para combater uma rebelião na Escócia, que recusava o Anglicanismo, assim convocando o Parlamento. Após se reunirem, o Parlamento para aceitar os pedidos do rei, impôs que fosse concedido a eles o direito a consultas sobre questões tributárias e religiosas.

Segundo Campos e Miranda (2005, p. 230) O rei Carlos I não aceitou tais exigências e o Parlamento se recusou a dar dinheiro pra coroa, ordenou o fechamento do Parlamento e a prisão de cinco parlamentares, foi o estopim para a guerra civil, também chamada de Revolução Puritana. De um lado tínhamos o rei, os nobres e a Igreja Anglicana, do outro um novo exército financiado por comerciantes e comandado por Oliver Cromwell, que veio a ser um republicano que defendia a tolerância religiosa. Esse novo exército era composto por agricultores ricos e puritanos.

Na guerra Cromwell foi apontado como um gênio militar, segundo Silva (2005, p.145), diz que: “Ele uniformizou seus homens com as melhores armas e armaduras

disponíveis e os exortava para a batalha com inflamados sermões religiosos”. Em 1645, as tropas reais já estavam sem fundos para continuar as batalhas, e sem esperanças, resultando numa total derrota. Eventualmente, por ordem do Parlamento o rei Carlos I foi deposto e executado, após ter quebrado o contrato político com a sociedade Inglesa. A Inglaterra passava a ter pela primeira vez um governo republicano, liderado pelo puritano Oliver Cromwell, conhecido como “Lorde Protetor”, durante o seu governo, foi bem mais sucedido do que pelo rei anterior Carlos I. Ainda de acordo com Silva (op.cit, p. 142) “A prosperidade sempre teve na mente de Cromwell. A construção naval e o comércio marítimo aumentaram, a colonização foi incentivada e os espanhóis e holandeses foram derrotados no mar”. A república no que se refere na economia ia muito bem, mas seu plano social para a sociedade Inglesa era terrível. Sua natureza extremamente puritana, fez dele um ditador, fechou teatros, casas de jogos e outros lugares que desviasse a atenção do povo da igreja, não eram permitidas roupas ornamentadas, praticar esportes, comemorações festivas, punições sucessíveis a multa e assim ele fez com que fossem criadas leis, para que fossem cumpridas, “[...] o exército e o povo já estavam cansados de viver sob o puritanismo e convidaram o filho de Carlos I a assumir a coroa” (op.cit, p. 143), colocando fim ao governo republicano que durou onze anos, começava então a Restauração e a volta da monarquia.

## 2.2 O Protestante John Milton e a sua Obra

A guerra civil foi fortemente influenciada por motivos religiosos, mas a *Bíblia* era um símbolo importante, tanto para os católicos como para os puritanos naquela época. Até mesmo o fato de quem podia ler a *Bíblia*, acarretou vários conflitos, como afirma Silva (2005, p.144):

“O relacionamento do homem com a Bíblia, de fato, era o ponto de discórdia entre a igreja católica e o protestantismo desde os seus momentos iniciais. A igreja via como uma ameaça a possibilidade de o homem comum ler a Bíblia, pois isso minaria o poder dos padres e bispos. Os protestantes ingleses, por outro lado, buscavam traduzir a Bíblia para a língua Inglesa a fim de levar a palavra de Deus para o homem comum”.

No século XVII, de fato a igreja católica não era mais o principal poder de espiritualidade, a *Bíblia* teve sua versão oficial em 1611, no reinado de James I, como

chefe da Igreja Anglicana, ele ordenou uma publicação em língua Inglesa. E por assim, em influenciar obras da literatura Inglesa como *Paraíso Perdido*.

O poeta Inglês John Milton viveu em meados do século XVII, um dos escritores representantes de sua geração, autor de *Paraíso Perdido* (1667), escreveu um dos mais importantes poemas épicos da literatura. Sua obra é notável assim como outros épicos de Homero, Virgílio, Camões e Beowulf. O seu poema possui uma linguagem altamente rebuscada e de difícil compreensão no início, mas ao decorrer uma estória fascinante, baseada em passagens do livro Gêneses da *Bíblia*, incorporando fatos relevantes da sua época.

Milton participou da vida política do país ativamente como funcionário público, no qual dedicou sua vida e obra as causas puritanas. Ele escreveu panfletos no qual defendia o governo de Oliver Cromwell e suas ações, um dos mais conhecidos foi “A Defense of the English People”, no qual ele justificava a morte do Rei Carlos I. Posteriormente foi ficando cego, ao dedicar-se arduamente aos seus trabalhos, sobre a luz fraca de velas. Depois da restauração e a volta da monarquia, muitos dos puritanos foram presos, inclusive o poeta John Milton, ficando sem dinheiro e propriedades. Após intervenção de amigos, ele foi libertado e dedicou o resto de sua vida a lecionar para sobreviver, e foi quando escreveu um dos seus maiores poemas, que representa a literatura Inglesa. Já completamente cego ditou o poema *Paraíso Perdido* para uma de suas filhas, no qual ele vai tratar sobre a queda de Lúcifer e do homem e a origem do pecado. Sua obra refletiu sobre todas as inquietações da sociedade Inglesa, como as questões religiosas, políticas, o puritanismo e até um pouco de existencialismo de como ele se sentia nesse contexto conturbado. Quatro anos mais tarde ele publicou *Paraíso Reconquistado* (1671) uma sequência do primeiro poema, aonde Cristo vem a Terra para recuperar o que Adão teria perdido.

## **AS CARACTERÍSTICAS DO ÉPICO EM GERAL**

De acordo com a Poética de Aristóteles (1959), um épico é um poema de narrativa longa sobre os feitos de um herói de uma estória, incorporando mitos, lendas, folclores e História. Os épicos são de importância nacional, no sentido que incorpora as histórias e as aspirações de uma nação ou um povo. O poema épico tem seus versos escritos em iâmbico pentâmetro, ou seja, uma métrica utilizada neste tipo de poema que determina o ritmo que cada palavra tem no verso, apresentando uma linguagem elevada, porque não se trata de detalhes banais da vida. Tem catálogos de longas listas (de nomes de pessoas como em

*Beowulf*, que abre o poema com a genealogia da dinastia de Scylding, objetos ou coisas importantes como os navios que iriam pra guerra, e lugares).

Algumas convenções épicas utilizadas no poema é o uso do *prepositio*, uma afirmação sobre o tema ou a causa do épico. Pode ser um propósito (como John Milton propôs de justificar os caminhos de Deus até o homem) ou uma questão (como na *Ilíada*, que Homero inicia por pedindo uma musa para cantar a ira de Aquiles). O poema começa em media res, ou seja, que a estória já inicia no meio das coisas, geralmente o poeta começa com uma pressa invocando as musas ou um deus para providenciar inspiração divina para começar a contar a estória de um grande herói, através de longos discursos. No poema épico é comum o uso de figuras de linguagem e a estrutura pode ser dividida em livros ou cantos, e os heróis da literatura épica, são vinculados por um código de honra.

Como o épico começa no meio das ações, os personagens usam digressões através de rápidos flashbacks para contar sobre fatos do passado que não foram explicados. Outra convenção frequente é o uso de *epithets*, que são a renomeação ou um segundo nome, seja de personagens como de Agamenon e Menelaus, que se referiam a eles como “águias gêmeas”, deuses, coisas ou frases. Por exemplo, Homero usa a frase “aurora dos dedos rosados”, para dizer toda vez que o dia se iniciava. Também ocorre a presença do sobrenatural, porque geralmente o protagonista herói vem acompanhado de uma força sobre-humana, podendo vencer criaturas míticas, como em *Beowulf* que o rei decide enfrentar sozinho um dragão. E ainda temos um contador de estórias que toca uma lira e canta uma canção improvisada sobre os feitos do herói.

Continuando nos conceitos Aristotélicos, temos mais dois de suma importância para o poema épico, que são a peripécia e o reconhecimento. Para Aristóteles (op.cit, p.30-31) um exemplo perfeito para os dois é o *Édipo Rei*, sabendo que peripécia, é uma reviravolta das ações do personagem, também podendo ser chamado de mudança de fortuna, em que o personagem ia bem e depois de alguma coisa ele se dar mal, ou vice-versa. E que o reconhecimento é a mudança de desconhecimento para o conhecimento, algo que vem a tona. Temos *Édipo* quando ele tenta encontrar o assassino do Rei Laio, em que ele descobre que é ele próprio o assassino e a partir daí toda a sua sorte muda. O reconhecimento se dar entre pessoas, outro exemplo é quando um escravo reconhece Odisseu através de uma cicatriz que tinha na perna, depois de 19 anos afastado do reino.

## O ÉPICO E O PURITANISMO INGLÊS EM *PARAÍSO PERDIDO*

*Paradise Lost* foi originalmente escrito em dez cantos e depois em doze cantos, o autor quis assemelhar a sua obra a de outros épicos como *Eneida* de Virgílio e a *Odisseia* de Homero, as quais tinha forte aspirações. O poema vai tratar da rebelião de anjos, liderados por Lúcifer, a queda e expulsão do homem do paraíso, baseados em acontecimentos do livro Gênesis da Bíblia. No primeiro livro, Milton abre o poema com uma invocação ao espírito santo, com o propósito de justificar “os caminhos de Deus ao Homem”. O poema começa *in medias res*, com Satanás se acordando e confuso nas profundezas do inferno.

O primeiro livro é contado na perspectiva de Satanás, ele descreve como o inferno é horrível e dar nomes de figuras pagãs aos anjos caídos, em que ele passa a liderá-los. Neste momento temos um catálogo longo da lista de anjos caídos que participaram da guerra. Evidencia-se nesse catálogo, representa as pessoas e navios que foram pra guerra no conturbado século XVII. Por conseguinte, no livro II os demônios se reagrupam sob a liderança de Satanás, para planejar uma vingança contra Deus e construir um palácio chamado de Pandemonium, um neologismo cunhado pelo próprio Milton.

Nos primeiros livros o personagem Satanás é construído com as qualidades de um herói, como líder, inteligente, forte e que haveria o que eles tinham perdido que era o céu. Então ele decide sozinho enfrentar o caos e os perigos para se chegar ao novo mundo, que era o jardim do Éden. Mas também Satanás tinha outras qualidades indesejáveis, que eram a inveja, a ambição, o desejo de vingança e o orgulho.

No livro III ocorre uma mudança narrativa, na qual o autor deixa de falar sobre o inferno e passa a falar sobre o céu, havendo uma mudança de perspectiva de Satanás para Deus. Desta forma, já sabendo dos planos de Satanás para acabar com a criação divina, Deus decide entregar o seu filho para a salvação do homem. Milton descreve detalhadamente todo o plano de Satanás, mostrando como ele fará para conseguir entrar no Paraíso. Por conseguinte no livro IV, é quando Satanás chega ao jardim do éden e fica maravilhado com aquele paraíso, comparando com o do reino dos céus, ele demonstra vários sentimentos de nostalgia, arrependimento, mas quando vê o casal todo feliz naquele jardim, até os admira, mas então a inveja se torna maior e todo o desejo de vingança, é nesse momento que ele os ver discutindo sobre a ordem de Deus, de não comer do fruto proibido e é quando Satanás planeja todo o seu plano de vingança contra Deus, para provocar a queda do homem.

No Livro V ainda no reino do céu, Deus ordena que um dos seus anjos Raphael desça a terra, para alertar a Adão sobre as tentações de Satanás, quando ele chega a terra, ele conversa com Adão e fala sobre os anjos que se rebelaram no reino do Céu. Ele faz uma digressão através de flashbacks para contar o que houve no céu, fala da inveja de Lúcifer, quando Deus introduziu seu filho para governar junto com ele, da rebelião de anjos liderado por Satanás, da guerra que houve no céu entre os anjos fiéis a Deus e os anjos que se rebelaram serve pra ilustrar a guerra civil que ocorreu na Inglaterra e a expulsão dos anjos que correspondiam a um terço do céu para o inferno. Rafael estava contando aquelas histórias porque queria que Adão aprendesse com elas.

E com isso Raphael retorna para a história de Abdiel de valores cristãos, que confrontou Satanás e os outros anjos que disse a eles que confrontar Deus, iria ser uma derrota iminente. Quando Abdiel deixa os seguidores de Satanás, ele é bem-vindo de volta às fileiras de Deus. Ele é perdoado por Deus e louvado pela lealdade, obediência e resistência do mal. Esta história de Abdiel é uma reminiscência de uma cena inicial no épico. Os valores e as qualidades típicas que a maioria das pessoas associa a um protagonista ou líder, de valores cristãos. Aquiles não é obediente, Odisseu não é humilde e Abdiel honra a integridade e é obediente e humilde.

Depois que Adão é informado da guerra no céu por Raphael, ele pede mais informações sobre a sua própria criação e sobre a Terra. No livro VII, aqui temos outra invocação de Milton a musa Urania, uma musa grega da astronomia, particularmente apropriada para este livro, que será em grande parte sobre a criação universal. E Milton faz referência a outros mitos gregos, como o personagem *Bellerophon*, que foi um grande herói grego mítico aventureiro que derrotou uma quimera, voou montado no cavalo Pegasus, até o Monte Olímpio, provocando a ira de Zeus, golpeando-o, deixando o resto de sua vida sozinho e cego. A analogia que o Milton faz, serve para ilustrar o que estava acontecendo com ele. Ambos viajam para o refúgio e ambos estão cegos. E quanto ao fato de Milton também se sentir sozinho, o período em que esteve escrevendo esse poema. Outra referência é a *Bacchus* o deus grego do vinho, ou o deus do êxtase e entusiasmo, foi uma crítica as pessoas da sociedade inglesa, para falar das pessoas que bebiam e participavam de festividades. Outra alusão que é rapidamente mencionada é o de "*Bardo Thracian*", referente a Orfeu, a saber, *Orpheu* foi morto por uma mulher, haja vista que o homem foi condenado a morte por a mulher em Paraíso Perdido, na visão de Milton.

No livro IX, é quando exatamente Satanás chega a Terra e possui uma serpente e confronta Eva quando está sozinha e tenta convencê-la a comer do fruto proibido, também chamado do fruto de conhecimento do bem e do mal. E é quando finalmente Eva come do fruto e a compartilha com Adão, eles adormecem e o fruto começa a ter efeito. No livro X, é onde ocorre à peripécia e o reconhecimento, o fruto traz a tona o desconhecido, os personagens Adão e Eva passam a obter o conhecimento, e devido ao pecado por terem cometido, a sorte deles começa a mudar, eles iam bem e as suas vidas começam a mudar drasticamente. E começa toda uma questão existencial de Adão, se lamentando pelo que tinha feito arrependido por aceitar o fruto de Eva, ignorando e insultando, e nesse livro vai perceber uma visão machista nos discursos de Milton.

E por fim, a partir dos livros XI e XII, vemos as consequências de Adão e Eva por terem pecado, o desfecho para Satanás e os seus seguidores por ter provocado a queda do homem. Quando Deus envia o anjo Michael para expulsar o casal do jardim do Éden e mostra a Adão visões do futuro que acontecerão devido ao pecado que cometeram. Michael mostra vários horrores, como doenças, mortes e guerras, mas repete a mensagem de Deus que o único caminho é a obediência e uma maneira de se juntar ao céu e uma promessa de redenção para eles. Adão também viu pessoas com alegria dançando e flertando, que aparentemente era uma coisa boa que Michael diz a ele, no entanto quem vivia por prazer e obedecem a Deus, eles nunca entrariam no céu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, ler um épico como *Paraíso Perdido* foi possível analisar fatos históricos da sociedade Inglesa de um determinado período. Uma vez que um épico tem grande importância de documentar fatos históricos de uma nação ou povo. E também nos possibilitou analisar características da poesia épica.

*Paraíso perdido* é um poema de grande relevância para a literatura inglesa, pois John Milton ilustrou na sua obra episódios políticos e religiosos que marcou o século XVII da Inglaterra. Como sabemos o puritanismo foi um grande grupo de protestantes em oposição à igreja católica e os seus seguidores, que resultou numa guerra civil. Este estudo evidenciou-se que os maiores interessados nas rebeliões e conflitos foi a alta nobreza, os detentores do poder político e religioso e que apesar dos protestantes conseguirem implementar uma república, não satisfaz as necessidades do povo e sua religiosidade.

Entretanto, apesar do início do reinado dos Stuart, ter sido uma tragédia, o século XVII foi fortemente marcado, por acontecer algo inédito que não acontece mais até os dias de hoje, que foi a implementação de um governo republicano.

E por fim, no poema épico a gêniosidade do escritor em entrelaçar fatos históricos, bíblicos e a poesia, fica evidente. Mas se lido e analisado de outro ângulo, pode perceber uma visão machista do escritor em algum de seus discursos no poema, podendo interligar um dos conceitos puritanos que ele tinha sobre a mulher na época, associado ao pecado e vista com uma maior inferioridade.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Difusão Européia, 1959.

CAMPOS, Flavio de; MIRANDA, Renan Garcia. **A Escrita da História**. 1 ed. São Paulo: Escala Educacional, volume único, 2005.

MILTON, John. **Paraíso Perdido**. Disponível em: <  
<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/paraisoperdido.pdf>> Acessado em: 10-06-17.

MILTON, John. **Paraíso Perdido**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura Inglesa para Brasileiros: Curso Completo de Cultura e Literatura para Estudantes Brasileiros**. Rio de Janeiro: Moderna, 2.ed.2006.